

Avaliação da dor crônica nos trabalhadores de enfermagem¹

Assessment of chronic pain in nursing workers

Evaluación del dolor crónico en trabajadores de enfermería

Ruth Maria ROCHA², Keila Vidal MENEZES³, Marina Morato STIVAL⁴, Luciano Ramos de LIMA⁵

RESUMO

Objetivo: descrever a prevalência de dor crônica auto-referida e suas consequências entre trabalhadores da equipe de enfermagem hospitalar. **Métodos:** trata-se de um estudo descritivo, observacional de abordagem quantitativa, amostra de 97 trabalhadores, coletados de outubro a novembro de 2011 em um hospital de médio porte. Foi elaborado um instrumento contendo variáveis sociodemográficas, com escalas de avaliação da dor: localização, intensidade da dor (Escala Numérica- EN de 0 a 10 pontos), McGill, prejuízo pelo uso da escala de copos e localização por uso do diagrama corporal. Parecer Comitê de Ética (nº 0069/2011). **Resultados:** predominou trabalhadoras do sexo feminino 96,9%, com idade média 30,8 anos (DP=± 2,3, MIN= 20 e MÁX=56 anos), técnicos em enfermagem (68%). A intensidade da dor foi moderada (53%), na cabeça (48,4%), descrita pelo MCGILL pela maioria como dolorida 48,5%, cansativa 34% e pontada 30,9%. O prejuízo foi descrito na realização das atividades práticas 51,5%, na capacidade de concentração 39,2% e na capacidade de realização das atividades diárias 37,1%. **Conclusão:** a alta prevalência de dor crônica nos profissionais de enfermagem aponta o futuro da saúde dos trabalhadores de enfermagem a urgente necessidade de implantação de programas que possam prevenir agravos e promover saúde entre os trabalhadores de enfermagem.

Descritores: Dor crônica; Medição da dor; Avaliação em enfermagem.

ABSTRACT

Objective: describing the prevalence of self-reported chronic pain and its consequences among nursing staff employees of the hospital. **Methods:** this is a descriptive, observational study, which has a quantitative approach, a sample of 97 workers, collected from October to November 2011 in a medium-sized hospital. It was prepared an instrument with sociodemographic variables, with rating scales of pain location and intensity (EN-numerical scale from 0 to 10 points), McGill, injury by the using of the scale and location of glasses by use of the body chart. Ethics Opinion (No. 0069/2011). **Results:** predominantly female workers 96.9%, mean age of 30.8 years (SD = ± 2.3, and MIN = 20 MAX = 56 years), nursing technicians (68%). The intensity of pain was moderate (53%), headache (48.4%), described by most as the MCGILL painful 48.5%, 34% and tiring pang 30.9%. The injury was described in the implementation of practical activities 51.5%, in concentration of 39.2% and the ability to perform daily activities 37.1%. **Conclusion:** the high prevalence of chronic pain in nursing staff points to the nursing workers' health future, to the urgent need to implement programs that can prevent diseases and promote health among the nursing staff.

Descriptors: Chronic pain; Measurement of pain; Nursing assessment.

¹ Trabalho extraído de Trabalho de Conclusão de Curso.

² Graduada em enfermagem, Centro Universitário de Anápolis, UniEVANGÉLICA, Goiás.

³ Graduada em enfermagem, Centro Universitário de Anápolis, UniEVANGÉLICA, Goiás.

⁴ Professora Assistente UNB/FCE, Doutoranda em Ciências e Tecnologias em Saúde pela UNB-FCE, Mestre em Enfermagem EEUFMG.

⁵ Professor Assistente UNB/FCE, Mestre em Enfermagem FEN-UFG. End. Qd 203, Lt 04, Apto 702-A, Residencial Pau Brasil, Águas Claras Sul, Brasília-DF. CEP 71939-360. E-mail: ramosll@unb.br

RESUMEN

Objetivo: describir la prevalencia de una percepción de dolor crónico y sus consecuencias entre los empleados del personal de enfermería del hospital. **Métodos:** se trata de un enfoque descriptivo, observacional, cuantitativo, una muestra de 97 trabajadores, recogidos entre octubre y noviembre de 2011 en un hospital de tamaño medio. Hemos preparado un instrumento con las variables sociodemográficas, con escalas de calificación de la localización del dolor, la intensidad del dolor (EN-numérica escala de 0 a 10 puntos), McGill, las lesiones por el uso de la escala y la ubicación de los vidrios por el uso de la tabla de cuerpo. Ética Dictamen (N^o 0069/2011). **Resultados:** predominio de mujeres profesionales del sexo 96,9%, con una edad media 30,8 años (DE = ± 2,3, y MIN = 20 MAX = 56 años), los técnicos de enfermería (68%). La intensidad del dolor fue moderado (53%), la cabeza (48,4%), descrito por la mayoría como el McGill dolorosa 48,5%, 34% y agotador% punzada 30,9. La lesión fue descrita en la ejecución de las actividades prácticas del 51,5%, en una concentración de 39,2% y la capacidad de realizar las actividades diarias del 37,1%. **Conclusión:** la alta prevalencia de dolor crónico en los puntos del personal de enfermería para la salud futura de los trabajadores de enfermería de la urgente necesidad de implementar programas que pueden prevenir enfermedades y promover la salud entre el personal de enfermería. **Descriptor:** Dolor crónico; Dimensión del dolor; Evaluación en enfermería.

INTRODUÇÃO

A dor é um sintoma que atinge as pessoas com muita frequência, esse sintoma faz parte de nossa natureza biológica e na maioria das vezes é um alerta que algo não está bem com o organismo. Por ser um indicativo de desarranjo e desarmonia do corpo, alguns especialistas e estudiosos da dor a indicam como quinto sinal vital.

A Associação Internacional para Estudos da Dor (IASP) definiu dor como “uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a um dano real ou potencial dos tecidos ou descrita em termos de tais lesões”.¹ A dor é um processo que acompanha a maioria das doenças, afetando o bem estar, as interações sociais e as habilidades físicas. Ela pode ainda interferir no cotidiano e modificar o desempenho do trabalhador.²

Pode ser classificada referente à temporalidade como aguda ou crônica. Em especial a dor crônica

geralmente perdura por mais de seis semanas, sendo considerada por si só uma doença.¹ Para a *North American Nursing Diagnoses Association* (2010), tanto a dor aguda como a crônica, podem ter início súbito ou lento, de intensidade leve a intensa, a diferença consiste na duração. A dor aguda pode ter término previsível e de duração até seis meses, no entanto a dor crônica não tem término previsível e duração superior a seis meses.³ No caso da cronicidade, podem surgir problemas psicológicos, disfunção cognitiva, mudança de comportamento, redução da capacidade física, diminuir a produtividade nas tarefas de casa e do trabalho, aumentar o absenteísmo, provocando assim impacto econômico e psicológico.

Além disso, a dor quando crônica compromete o lazer, o sono, o apetite, atividade sexual e profissional, causando estresse,

depressão, diminuindo a resposta imunológica, e expõe o indivíduo a doenças. A sintomatologia crônica traz uma desordem no cotidiano das pessoas, porquanto acontece perda da esperança de melhora.⁴ A dor crônica atinge cerca de 7% a 40% da população mundial, e a prevalência tem sido maior em mulheres, aumentando progressivamente e proporcionalmente no decorrer da idade. A população com baixa renda também tem sido apresentada na literatura como um dos fatores principais para o desenvolvimento da dor crônica.⁵

Esta pesquisa tem como objetivo descrever a prevalência de dor crônica auto-referida e suas consequências entre trabalhadores da equipe de enfermagem. A dor pode estar relacionada ao trabalho excessivo, cargas horárias elevadas e trabalhos muito estressantes, que podem desencadear a dor aguda e evoluir para dor crônica.

É necessária uma identificação precisa da dor tornando-a conhecida quanto à temporalidade e com vista a diminuir possíveis complicações devido a sua cronicidade, desta forma, procurar meios para melhorar a qualidade de vida quando prejudicada para os profissionais que cuidam de outras vidas.

MATERIAS E METÓDOS

Trata-se de um estudo descritivo, observacional de abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida em um Hospital de médio porte de um município do

interior de Goiás. O hospital é composto de 190 integrantes da equipe de enfermagem, onde 133 foram entrevistados. Foram excluídos 25 profissionais que não sentem dor e 11 profissionais que sentem dor aguda, assim a amostra final foi de 97 trabalhadores de enfermagem.

Foram incluídos profissionais de enfermagem que compõem a equipe do hospital, expressaram o aceite de participação como sujeito que trabalha na instituição por no mínimo seis meses. Foram excluídos os que recusaram a participar da pesquisa; estavam cobrindo férias de funcionários.

A coleta de dados ocorreu nos meses de outubro e novembro do ano de 2011 por meio da aplicação de um questionário adaptado, que continham questões fechadas, segundo variáveis sociodemográficas (sexo, idade, estado civil e número de filhos). O instrumento foi construído fundamentado e caracterizado para identificação da intensidade e prejuízo da dor. A dor foi mensurada por meio da utilização da escala Escala Numérica (EN) de 0 a 10 pontos para descrever a intensidade, para a localização da dor utilizou-se um diagrama corporal para marcar o local que a dor estava presente.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da do Centro Universitário UniEVANGÉLICA-GO e aprovado com protocolo (nº 0069/2011). Os dados foram analisados pelo programa Software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 15.0. Foi

realizada, inicialmente, uma análise exploratória dos dados (descritiva). As variáveis numéricas foram exploradas pelas medidas descritivas de centralidade (média, mediana) e de dispersão (mínimo, máximo, desvio padrão e coeficiente de variação) e as variáveis categorias foram exploradas por frequência simples absolutas e percentuais.

RESULTADOS

Dos 97 trabalhadores de enfermagem avaliados prevaleceram 96,9% o sexo feminino, com idade média 30,8 anos (DP = \pm 2,3, MIN= 20 e MÁX=56 anos) a faixa mais prevalente foi de 30 a 39 anos com 49,5% dos entrevistados (Tabela 1).

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica, Anápolis, outubro a novembro de 2011

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	3	3,1
Feminino	94	96,9
Faixa etária		
20-29 anos	40	41,2
30-39 anos	48	49,5
40-56 anos	9	9,3
Estado civil		
Casado	60	61,8
Solteiro	31	32,0
Outro	6	6,2
Escolaridade		
Técnico	66	68,0
Enfermeiro	31	32,0
Tempo como profissional de enfermagem		
< 2 anos	22	22,7
> 2 e < 5 anos	50	51,5
> 5 e < 10 anos	18	18,6
> 10 anos	7	7,2

Prática de Atividade física

Não	71	73,2
Sim	26	26,8

O estado civil demonstrou que a maioria dos trabalhadores (61,8%) eram casados. Em relação à escolaridade, 68,0% da amostra possuíam formação técnica em enfermagem, 32,0 % enfermeiros. Evidencia-se que 73,2% dos

profissionais não praticam exercícios físicos regularmente (Tabela 1).

A dor aparece geralmente no período da tarde na maioria dos entrevistados (48,4%) e permanece por algumas horas em 74,7% dos profissionais de enfermagem (Tabela 2).

Tabela 2 - Caracterização da dor crônica, segundo tempo de dor, período que a dor aparece, frequência de dor na última semana, Anápolis, outubro a novembro de 2011

Dor costuma aparecer	N	%
Manhã	13	14,0
Tarde	47	48,4
Noite	37	37,6
Dor permanece		
Algumas horas	73	74,7
Metade do dia	8	8,4
O dia todo	9	9,5
Uma parte da semana	5	5,3
A semana toda	1	1,1
O mês inteiro	1	1,1

As principais regiões do corpo mais acometidas pela dor crônica entre os trabalhadores foram a cabeça (35,1%), seguida dos MMII (25,8%), região lombar (22,7%), MMSS (11,3%),

abdominal (5,2%). Enfatiza-se que a dor na região da cabeça e membros inferiores foi a de principal intensidade e a de menor intensidade foi região abdominal (Gráfico 1).

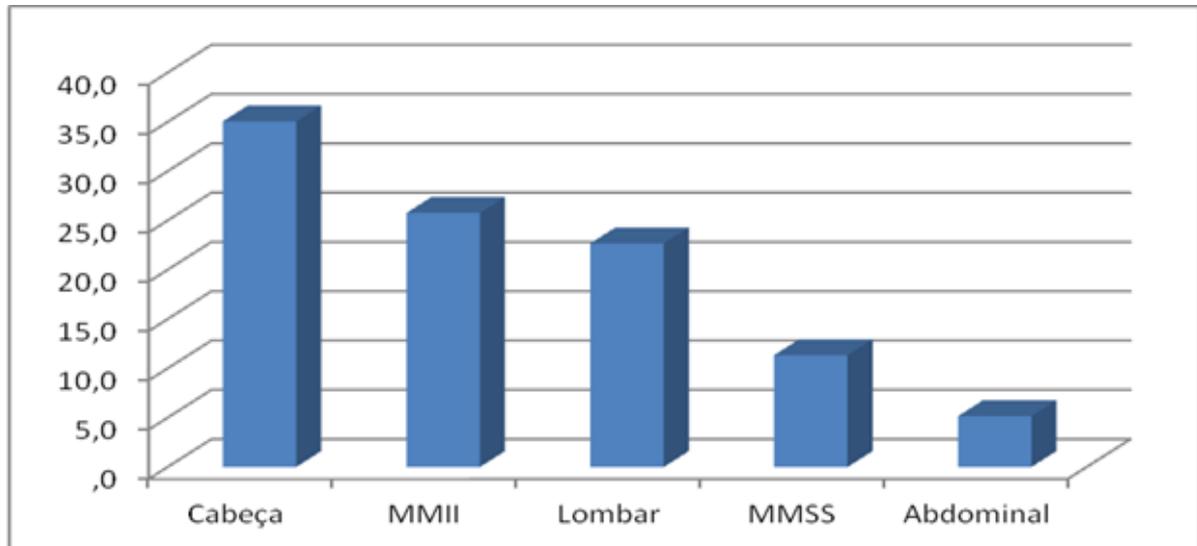


Gráfico 1 - Principais locais de dor em trabalhadores de enfermagem, Anápolis, outubro a novembro de 2011

No presente estudo, a dor crônica foi classificada por 97 trabalhadores como dor *intensa* (38%),

moderada (53%) e dor *leve* (9%). Enfatiza-se que a maioria classificou a como *moderada* (Gráfico 2).

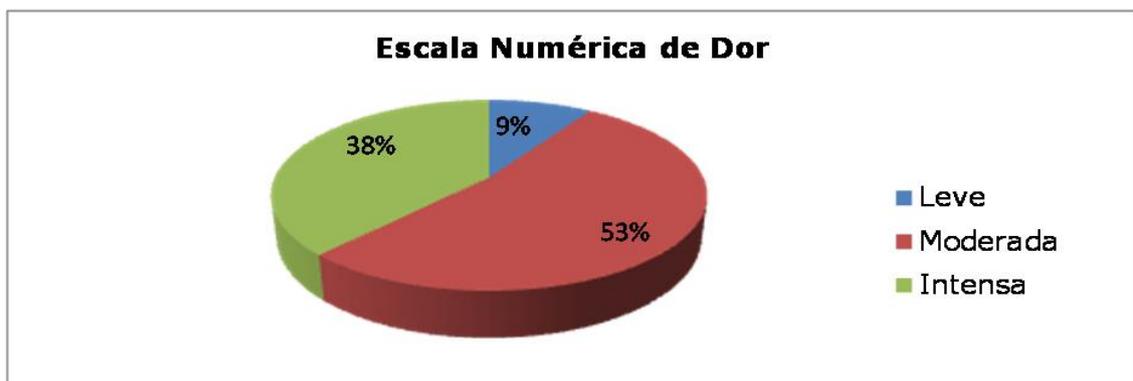


Gráfico 2 - Classificação da dor crônica por intensidade da dor atribuída por meio da escala numérica (0 a 10), de trabalhadores de enfermagem. Anápolis, outubro a novembro de 2011

Com relação à qualidade da dor pelos descritores de Dor de MCGILL

evidenciou que 48,5% dos trabalhadores descreveram como dolorida, 34,0% cansativa, 30,9%

pontada, 28,9% enjoada, 25,8%
choque, 22,7% fisgada, 22,7% aperto,
18,6% fina, 17,5% sensível, 16,5% ardor,
15,5% miserável, 14,4% agulhada,

13,4% enlouecedora, 12,4% aperta,
11,3% apavorante, 10,3% penetra,
10,3% calor e 5,2% fria (Tabela 3).

Tabela 3 - Descrição da qualidade da dor pelo uso da escala McGill nos profissionais de enfermagem, Anápolis, outubro a novembro de 2011

	N	%
Dolorida	47	48,5
Cansativa	33	34,0
Pontada	30	30,9
Enjoada	28	28,9
Choque	25	25,8
Fisgada	22	22,7
Aperto	22	22,7
Fina	18	18,6
Sensível	17	17,5
Ardor	16	16,5
Miserável	15	15,5
Agulhada	14	14,4
Enlouecedora	13	13,4
Aperta	12	12,4
Apavorante	11	11,3
Penetra	10	10,3
Calor	10	10,3
Fria	5	5,2

Quanto ao prejuízo da dor crônica 51,5% dos trabalhadores de enfermagem descrevem prejuízo na realização das atividades práticas, 39,2% na capacidade de concentração, 37,1% na capacidade de realização das atividades diárias. O prejuízo do humor foi citado por 29,9% dos trabalhadores, 29,3% tem prejuízo na

capacidade de realizar atividades físicas, 25,8% relata prejuízo no desenvolvimento de habilidades psicomotoras, 19,6% tem prejuízo no sono (Gráfico 3).

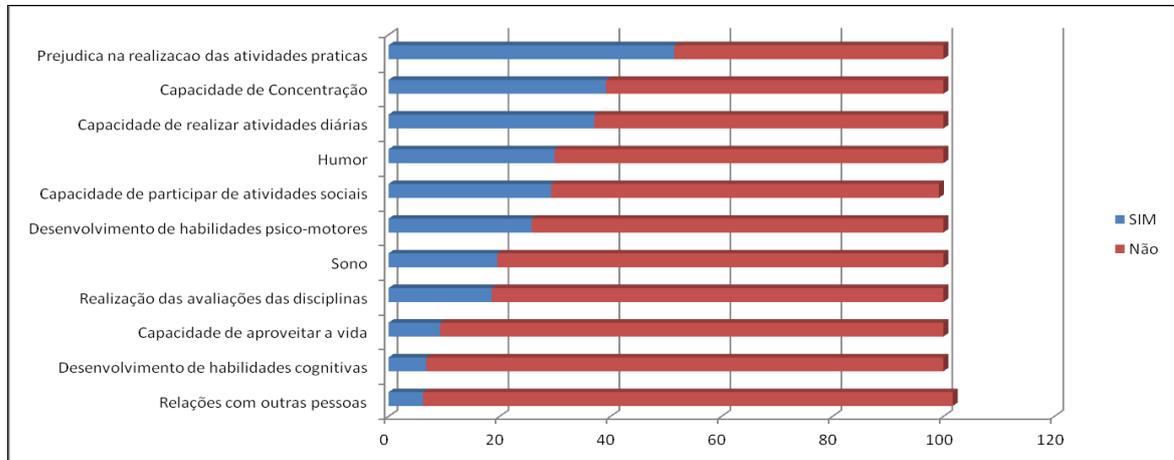


Gráfico 3 - Distribuição do prejuízo da dor nos trabalhadores de enfermagem, Anápolis, outubro a novembro de 2011

DISCUSSÃO

A prevalência da dor crônica autorreferida e suas consequências, entre 97 trabalhadores da equipe de enfermagem, demonstraram que a maioria dos trabalhadores são mulheres. Este resultado é encontrado em praticamente todas as pesquisas realizadas, isso se deve ao fato histórico da enfermagem ser uma profissão com predomínio de mulheres. Estudo realizado em um hospital de grande porte, localizado ao norte do Paraná, demonstrou que dos 188 profissionais entrevistados 142 (75,5%) eram do sexo feminino.⁶ Em pesquisa desenvolvida com 540 profissionais de enfermagem de um hospital escola em São José do Rio Preto, 83% dos trabalhadores também eram do sexo feminino⁷, outros resultados semelhante foi encontrado em um estudo realizado com 54 trabalhadores de enfermagem do Hospital das clínicas da Unicamp, 74,1% são do sexo feminino, entre 30 a 39 anos (44,4%) e com idade média de 37,3 anos.⁸ O histórico da

enfermagem demonstra que desde seu início no século XIX, a consideram como essencialmente feminina.

A maioria dos trabalhadores tem idade média de 31,8 anos. Em pesquisa realizada com 700 trabalhadores de enfermagem em um hospital geral de grande porte da cidade de São José do Rio Preto, foi encontrado resultado similar, com idade entre 21 a 40 anos.⁹ Em outro estudo, no interior de Goiás, a idade média foi um pouco menor de 25,4 anos.¹⁰

Quanto ao estado civil, evidenciou que a maioria dos trabalhadores eram casados, com formação técnica em enfermagem e exercem suas funções como profissionais de enfermagem de dois a cinco anos. Em pesquisa realizada com trabalhadores de enfermagem do hospital universitário do RS, demonstrou que a maioria dos trabalhadores eram casados (66%) e 59% tinham formação de nível médio (técnico em enfermagem) com um tempo médio de trabalho de oito anos.¹¹

Outra pesquisa desenvolvida com profissionais de enfermagem do Hospital das clínicas da Unicamp, os resultados apresentaram grande semelhança, a maioria dos trabalhadores eram na faixa etária de 30 a 39 anos (44,4%) e idade média de 37,3 anos, 63% da amostra eram casados.⁸

Quando questionados em relação à prática de atividade física, a maioria declara não praticar. Em pesquisa realizada com 109 profissionais de enfermagem em um hospital de Poços de Caldas, evidenciou que 74% dos trabalhadores declararam não praticar nenhum tipo de atividade física.¹² Isso é um fato preocupante, pois o sedentarismo tem grande contribuição para o indivíduo desenvolver dores crônicas, já que a pessoa que não pratica exercícios físicos regularmente tem menos preparo físico e musculatura flácida, contribui ainda para o desenvolvimento de doenças como obesidade, hipertensão, AVE, problemas cardíacos, diabetes mellitus e complicações respiratórias.⁵

Quanto à localização da principal dor, foi a cabeça, seguida de membros inferiores, região lombar, membros superiores e menos comum a dor abdominal. A localização da dor foi identificada em estudantes de enfermagem da UFG em 2008, também encontraram a dor de cabeça 38% como principal dor.¹³ Outra pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, aponta a dor na cabeça como a principal queixa 26,7%, porém, a lombalgia em segundo lugar 19,4% seguido de membros inferiores (MMII) 13,3%, membros

superiores 8,1% e abdômen 7,5%.¹⁴ Em outra pesquisa realizada em um Hospital Escola de Uberaba, com 85 trabalhadores, 21,57% dos profissionais pesquisados referem dor lombar e 13,73% queixa cefaléia, sendo que estes são os principais motivos de atendimento médico e causa de absenteísmo entre os trabalhadores de enfermagem. Ainda nessa mesma pesquisa 5,9% relataram também dor nos MMII.¹⁵ Em outro estudo desenvolvido na Fundação Hospitalar Estadual de Minas Gerais com 4.307 profissionais de enfermagem, 20% relataram lombalgias, sendo que tal incômodo foi atribuído ao ritmo frenético de trabalho.¹⁶ Outra estudo com 168 profissionais de enfermagem de um hospital de médio porte no Rio Grande do Sul, relata que 98% dos trabalhadores de enfermagem queixam dor de cabeça.¹⁷

Diversos fatores podem contribuir para desencadear a cefaleia durante a rotina de trabalho, sobrecarga de trabalho, sono, alimentação e jejum prolongado. A partir dos dados obtidos com essa pesquisa é possível perceber que a dor sentida pelos trabalhadores de enfermagem pode ser considerada um agravo importante na saúde destes profissionais.

No presente estudo a dor foi descrita como moderada. Foi encontrado estudo com trabalhadores da saúde com também dor moderada (66,7%).¹⁸ Em outro estudo realizado com trabalhadores na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul o

maior índice de dor também foi moderada por 61% dos respondentes.¹⁷ Estudo realizado em uma faculdade de São Luiz, Maranhão, com estudantes do curso de enfermagem também obteve-se resultados semelhantes, quando avaliado a intensidade de dor, que também foi moderada.¹⁹ Já em pesquisa realizada com 250 estudantes de enfermagem da UFG em 2008, prevaleceu a dor intensa com (49,2%), seguida de dor moderada 32,5%.¹³

A enfermagem é caracterizada como uma profissão com risco de desenvolver dor lombar relacionadas com o trabalho, pois incluem entre as suas atividades, a manipulação de pacientes que requerem cuidados integral, frequentes curvaturas do tronco e a manutenção por longos períodos de postura estática.²⁰ Os fatores ergonômicos inadequados, dentre eles, a movimentação e o transporte de pacientes, a postura corporal inadequada, o déficit de pessoal, equipamentos inadequados e sem manutenção contribuem muito para que o profissional de enfermagem sinta dor, contribuindo para o desenvolvimento da dor crônica.¹¹

A maioria dos profissionais de enfermagem entrevistada referiu dor crônica que aparece geralmente no período da tarde, permanece por algumas horas, sendo caracterizada como frequente no período de uma semana. Resultados semelhantes aparecem na pesquisa realizada UFG, a dor aparece com maior frequência no período da tarde (40,5%) e em 44,4% permanecem por algumas horas durante o dia.¹³

No presente estudo os trabalhadores de enfermagem de um hospital de médio porte relatam em relação à qualidade da dor utilizando o questionário de Dor de McGill para descrevê-la, 48,5% dos trabalhadores relataram como dolorida, 34,0% cansativa, 30,9% pontada. Em futuros trabalhadores de enfermagem (estudantes de graduação de enfermagem), quanto à qualidade da dor, os estudantes descreveram a dor como, pontada (54,0%), enjoada (46,8%) e cansativa (45,2%), descritores dos agrupamentos de McGill.¹³ Foi encontrado outro estudo com aproximadamente 50 estudantes de graduação de enfermagem como latejante (74,3%), pontada (62,9%) e enjoada (55,7%).²¹

Neste estudo foi considerado que a dor crônica descreve maior prejuízo na realização das atividades práticas, capacidade de concentração e na realização das atividades diárias. Foi encontrado outro estudo relatando que algumas atividades diárias podem ser prejudicadas pela dor, como o sono, humor e ao realizar atividades cotidianas.¹⁸ Foi encontrado também em outra pesquisa com 42 trabalhadores das unidades de bloco cirúrgico e de internação que apresentaram maior proporção para baixa capacidade no trabalho.⁴

Os prejuízos também foram avaliados em profissionais de enfermagem de um hospital Universitário do interior de São Paulo com (n=300), 50% dos trabalhadores relataram alteração no humor, diferente do presente estudo que

apenas 29,9% referem prejuízo no humor e 75% dos profissionais de enfermagem relatam como um fator estressante a falta de condições de lazer, já o presente estudo relata 9,3% com prejuízo na capacidade de aproveitar a vida. Ainda neste mesmo estudo foi encontrado que 25% dos trabalhadores responderam que estavam presentes distúrbios no sono. Ainda a maioria (75%) dos trabalhadores relataram prejuízo no desempenho profissional.²²

Por outro lado os prejuízos na realização das atividades diárias e nas atividades práticas foram relatados por 18% dos 540 trabalhadores de enfermagem avaliados do Hospital Universitário de São José do Rio Preto.⁷ Torna-se preocupante a quantidade de prejuízos encontrados nos profissionais de enfermagem referente a dor causando diversas alterações na vida destes profissionais sendo a maioria das justificativas o grande esforço físico e emocional a excessiva carga horária e a grande quantidade de pacientes.

CONCLUSÃO

A prevalência de dor crônica acomete os trabalhadores de enfermagem pesquisados predominando os técnicos de enfermagem do sexo feminino, casadas com a faixa etária de 30 a 39 anos que exercita suas funções como profissional de enfermagem de dois a cinco anos. A maioria dos trabalhadores relatou que a intensidade da dor é considerada como moderada, frequentemente localizada na cabeça, com ocorrência dos episódios

principalmente no período vespertino, permanecendo por algumas horas do dia, com prejuízo na realização das atividades práticas, capacidade de concentração e na realização das atividades diárias. A qualidade da dor foi descrita por palavras dos agrupamentos do questionário de dor do MCGILL, tais como: dolorida, cansativa, pontada e enjoada.

Sendo assim, vale ressaltar que a alta prevalência de dor crônica nos profissionais de enfermagem trás grandes prejuízos para esses trabalhadores, diminuindo sua qualidade de vida. O futuro da saúde dos trabalhadores de enfermagem requer uma urgente necessidade de implantação de programas que possam prevenir agravos e promover saúde entre os trabalhadores de enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Alves Neto O. Dor: princípios e práticas. Porto Alegre: Artmed; 2009.
2. Coelho V, Nunes C. A internação da dor no tratamento de terapia ocupacional. Dor [Internet]. 2008 [acesso em 2012 mar 12];9(2):71. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v274n1/v45n2a03.pdf>
3. North American Nursing Association. Diagnósticos de Enfermagem da NANDA: definições e classificações 2010-2011. Porto Alegre: Artmed; 2010.
4. Almeida AL, Oliveira PLL, Coelho JMM, Sousa AR. Prevalência de dor em

adultos trabalhadores. In: 9º Congresso Brasileiro de dor; 2010, São Luís, Maranhão, Brasil. São Luís: Revista de Dor; 2013.

5. Dominguez AGD, Ferraz E, Ultra F, Oliveira F, Anastácia M. Sedentarismo: a inatividade que pode comprometer a sua vida. HABILITAR Rev elet fisiot. Centro Universitário UNIEURO Online [Internet]. 2008 abr/set[acesso em 2012 mar 12];1(2):71-4. Disponível em:

http://www.unieuro.edu.br/downloads_2005/fisioterapia/revista_habilitar_02_sedentarismo.pdf

6. Nascimento LA, Kreling MCGD. Avaliação da dor como quinto sinal vital: opinião de profissionais de enfermagem. Acta paul enferm [Internet]. 2011[acesso em 2012 mar 14];24(1):50-4. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n1/v24n1a07.pdf>

7. Foss MHDA, Martins MRI, Lkehara E, Rampazo F, Timb G, Detoni M, et al. Qualidade de vida de funcionários com dor lombar. Dor [Internet]. 2009 [acesso em 2012 maio 16];10(2):106-12. Disponível em: http://www.dor.org.br/revistador/Dor/2009/volume_10/n%C3%BAmero_2/pdf/Volume_10_n_2_pags_106-112.pdf

8. Duran ECM, Cocco MIM. Capacidade para o trabalho entre trabalhadores de enfermagem do pronto-socorro de um hospital universitário. Rev latino-am enfermagem [Internet]. 2004 jan/fev[acesso em 2012 maio 16];12(1):43-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n1/v12n1a07.pdf>

9. Barbosa DB, Soler, ZASG. Afastamentos do trabalho na enfermagem: ocorrências com trabalhadores de um Hospital de ensino. Rev latino-am enferm [Internet]. 2003 mar/abr[acesso em 2012 mar 12];11(2):177-83. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n2/v11n2a06.pdf>

10. Oliveira DF, Nascimento SS, Stival MM. Dor crônica e automedicação auto-referidas em estudantes de um curso de Graduação em Enfermagem. In: Anais Congresso Nacional de Iniciação Científica. São Paulo; 2009.

11. Magnago TSBS, Lisboa MTL, Griep RH, Kirchhof ALC, Camponogara S, Nonnenmacher CQ, et al. Condições de trabalho, características sociodemográficas e distúrbios musculoesqueléticos em trabalhadores de enfermagem. Acta paul enferm [Internet]. 2010[acesso em 2012 mar 12];23(2):187-93. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n2/06.pdf>

12. Oliveira B. Estudo da memória, atenção e ciclo vigília-sono da equipe de enfermagem nos diferentes turnos de trabalho [dissertação]. Campinas (SP): Universidades de Campinas; 2011.

13. Silva CD, Ferraz GC, Souza LAF, Cruz LVS, Stival MM, Pereira LV. Prevalência de dor crônica em estudantes universitários de enfermagem. Texto & contexto enferm [Internet]. 2011 jul/set[acesso em 2012 abr 12];20(3):319-25. Disponível

em:<http://www.scielo.br/pdf/tce/v2On3/13.pdf>

14. Kreling MCGD, Cruz DALM, Pimenta CAM. Prevalência de dor crônica em adultos. *Rev bras enferm.* 2006 jul/ago;59(4):509-13.

15. Rezende, M.P. Agravos à saúde de auxiliares de enfermagem resultantes da exposição ocupacional aos riscos físicos [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem Universidade de São Paulo; 2003.

16. Murofuse NT, Marziale MHP. Doenças do sistema osteomuscular em trabalhadores de enfermagem. *Revista latino-am enfermagem* [Internet]. 2005 mai/jun[acesso em 2012 jun 16];13(3):364-73. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n3/v13n3a11.pdf>

17. Moraes, ME, Maciel, DL, Fontana, RT. A cefaleia e a saúde do trabalhador de enfermagem: análise de uma realidade. *Enferm glob* [Internet]. 2012 abr[acesso em 2012 jun 02];26(1):126-34. Disponível em: http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v11n26/pt_docencia3.pdf

18. Pereira LV, Lima LR, Gonçalves ML, Pereira PV, Araújo AD, Pereira GA. Dor crônica: prevalência, mensuração e impacto nas atividades laborais de servidores federais. In: IV Congresso de Pesquisa, ensino e extensão - Anais IV CONPEEX; Goiânia; 2007. p. 25-28

19. Ribeiro, GS. Avaliação postural nas enfermarias da clínica cirúrgica de um hospital de São Luís/MA. In: 14^a Congresso Brasileiro de Ergonomia; Curitiba; 2006. p.36-39.

20. Alves D, Godoy SCB, Santana DM. Motivos de licenças médicas em um hospital de urgência-emergência. *Rev bras enferm* [Internet]. 2006 mar/abr[acesso em 2012 mar 12];59(2):195-200. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a14.pdf>

21. Braga PCV, Souza LAF, Evangelista RA, Pereira LV. Ocorrência e prejuízos da cefaléia em estudantes universitárias de enfermagem. *Rev esc enferm* [Internet]. 2012[acesso em 2012 jun 18];46(1):138-44. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a19.pdf>

22. Belancieri MF, Bianco MHBC. Estresse e repercussões psicossomáticas em trabalhadores da área da enfermagem. *Texto & contexto enferm* [Internet]. 2004 [acesso em 2012 mar 16];13(1):124-31. Disponível em: <http://www.textoecontexto.ufsc.br/include/getdoc.php?id=272&article=179&mode=pdf>

Publicação: 2012-12-20

Data da submissão: 2011-12-04

Aceito: 2012-05-10